

DIOGO-CÃO

REVISTA ILUSTRADA DE ASSUNTOS ANGOLANOS

(Com tôdas as licenças necessárias)

Director, redactor, administrador, editor e proprietário

PADRE MANUEL RUELA POMBO

(Missionário secular português e antiquário amador)

— COLABORADORES — SELECCIONADOS —



SUMÁRIO:

*Sindicância aos actos do governador Paulo Dias de Novais
— Os Portugueses & os Ingêleses — O indulto do dr. Seabra
da Silva — Presídio de Pungo - Andongo — As fantásticas
minas de prata das serras de Cambambe — Contra-
bando, não de diamantes — Os pretos e as árvores
de fruto — A fábrica-de-fêrro de Nova - Oeiras*

TIRAGEM 1:000 EXEMPLARES

LUANDA

1933

AGENTE:

AMADEU AMORIM

LUANDA — C. P. 196

VENDE-SE NAS LIVRARIAS:

—**MINERVA**, na Travessa da Sé

—**A LUSITANA**, na Avenida de Salvador Correia

SEGUNDA SÉRIE

Preço de cada número avulso.....	5,00
Pelo correio e registado.....	6,00

PRIMEIRA SÉRIE

Vendem-se algumas colecções:

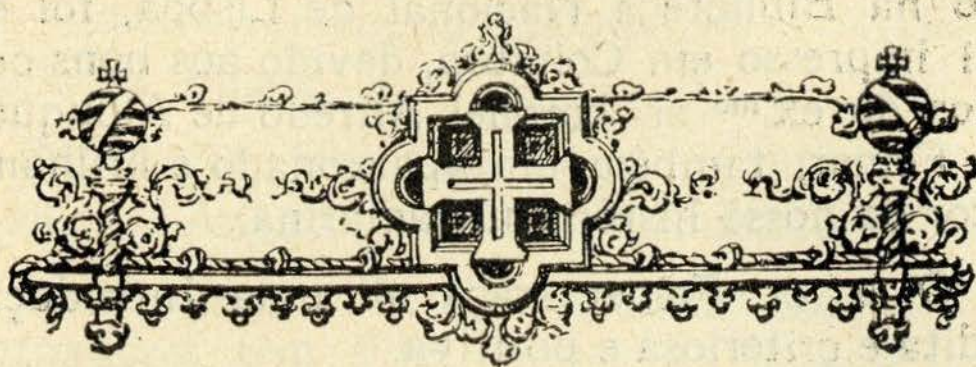
Os 10 números, em brochura.....	120,00
Num volume cartonado.....	130,00
Número avulso.....	12,00

Nóta do p. R.—Certa casa comercial comprou-nos 200 colecções, que lhe foram vendidas, cada uma por 40,00. Agora está a vender cada uma, em brochura, por 200,00!!!

Isto não se chama negócio...

Chama-se, por exemplo, um... prémio de... lotaria, como diz o nosso Compadre Sr. Amadeu Amorim.

Sic vos, non vobis...



Sindicância aos actos

DE

Paulo Dias de Novais

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 38 E CONCLUSÃO)

6—O tal inquérito

ou

Sindicância

NO DIA NOVE DE MAIO DE 1589, MORREU Paulo Dias de Novais no presídio de Maçangano de sua conquista e fundação os negócios militares e financeiros e administrativos da nascente colónia de Angola ficaram, ou estavam, na mais caótica desordem que se pode imaginar.

De 1590 a 1591, esteve em Luanda o licenciado Domingos de Abreu de Brito, que levantou o inquérito ou fez a respectiva inspecção aos serviços públicos: o seu relatório, que existe manus-

crita na Biblioteca Nacional de Lisboa, foi em 1931 impresso em Coimbra, devido aos bons cuidados do ex.^{mo} sr. coronel Alfredo de Albuquerque Felner, também um apaixonado e brilhante cultor da nossa história ultramarina.

O sr. cl. Felner traça ali uma Introdução erudita e criteriosa e positiva.

De facto, o *Sumário...* de Domingos de Abreu de Brito, além de ser um estudo rigoroso e estatístico da administração pública de Angola-Menina e das suas possibilidades económicas, é também um memorial de... fiscal inteligente e... manhoso, muito manhoso, como irão já ver.

O relatório de Abreu de Brito teve mais esta vantagem :

— *Grande parte das sugestões de Domingos de Abreu de Brito foram aproveitadas e passaram mesmo a constituir capítulos dos regimentos dados aos governadores de Angola.*—

O zimbo da Ilha-de-Luanda, que corria no Reino-de-Congo e circunvizinhanças como moeda, o trato dos escravos, o contrabando de mercadorias estrangeiras em grande escala, em todas estas receitas elevadíssimas era a fazenda real ou nacional lesada a valer...

Uns abusos — eram sabidos ou públicos : outros — ignorados ou... bem feitos, ao menos.

— *E' claro que nada disto se podia fazer sem o conlúio das autoridades, mas era isso corrente na*

época — assim aprecia ou desculpa tais imoralidades o sr. cl. Felner.

Repetimos: Que casta de ruim gentinha civil trouxe para Angola Paulo Dias em sua comitiva!!!

Posteriormente, e até nos nossos dias, outros governadores têm sido vítimas da mesma desgraça, se não maior, igual...



Fronstispício do SUMÁRIO

Muitos funcionários, em vez de darem uma colaboração útil, tornaram-se... nocivos.

Famulagem... famélica & ladravaz!!!

7—A manha

ou

Parcialidade do nosso sindicante

Por sua vez, o licenciado Domingos de Abreu de Brito tinha manhas, não de — raposa, como devia, mas de — rato guloso...

Prestem tôda a atenção: façam favor.

O nosso inquiridor ou sindicante ou lá o que era, embora alardeasse em tôdas as fôlhas do seu *Sumário*... carradas da virtude pessoal ou individual, possuía, se não maiores, os mesmos defeitos que teve a ousadia de censurar no seu próximo: pediu para si a mercê ou monopólio da exploração ou da apánha do zimbo da Ilha-de-Luanda, comprometendo-se à prestação de cômputos — *que eu moderadamente quizer dar, porque... não sofrem êstes accidentes cômputos tam meúdas como se hoje tomam*... —

Mas que cegueira mental!!!... Que atrevimento imoral!!!...

Dois pesos ou duas medidas!!!...

Censura as cômputos alheias, que não eram miúdas ou rigorosas, mas, para as suas, nas mesmas

circunstâncias e para o mesmo fim, pediu uma prestação... a olho... grosso modo... ou... em sacco, não é?!...

8—Para grandes males

só

Grandes remédios

Não por carência de regimentos e instruções e mais... regimentos e instruções, mas devido ao egoísmo dos homens e às dificuldades das distâncias, logo, desde o início da ocupação, a administração pública de Angola aparece cheia de abusos, sim, cheia de verdadeiras delapidações contra a fazenda nacional.

Delapidações ou roubos...

De Lisboa vinham militares e padres missionários: êstes salvaram a sua honra e a sua caridade.

Os funcionários públicos, esquecidos de que, roubando ao Estado, estavam a roubar-se a si próprios e ao próximo ou bem-comum, facilitavam... negócios *escuros* e *escusos*...

Os aventureiros, por sua vez: uns — tinham uma consciência tam larga e elástica que eram capazes de ... comer um boi inteiro e dizerem que estavam em... jejum; outros — não tinham consciência nenhuma, ou, quando vinham para Angola, deixavam-na depositada na ilha da Madeira, à

espéra, para a tomarem, quando voltavam ricos à cidade de Lisboa...

Numa sociedade nascente ou em formação com tais elementos, apanhados de aluvião ou na enxurráda, não era ou não é, pois, para admirar a imoralidade ou abusos, de que damos uma nota fundamentada: tem razão o sr. cl. Felner, razão histórica...

Era assim na Índia, em Moçambique, e no próprio Brasil.

Lisboa ficava tam longe...

... e nem tôdas as quêixas lá chegavam...

... e mesmo as que chegavam, não podiam ter rápido e pronto despácho!!!

9— A verdade

e a

Justiça

Dentro dos princípios lógicos ou da razão ilustrada, o documento da época, que acabamos de examinar, mostra que Paulo Dias de Novais, fidalgo brioso, foi também um militar valente e empreendedor.

Conhecia a rigor a responsabilidade política de emprêsa colonizadora a que meteu seus ombros de gigante: para dar execução ao seu plano patriótico ou levar a bom-fim a sua tarefa da con-

quista de Angola, empregou activamente todos os esforços possíveis e humanos.

Benemérito da Pátria!...

Não lhe deram ainda a homenagem de uma estátua de bronze ou mármore na cidade de Luanda... de que é fundador.

Tem lá apenas um... canhão!!!

Que gente ingrata nós somos .

De 1575 a 1589, constantemente, incansavelmente, dolorosamente, Paulo Dias de Novais lutou e combateu com os... pretos, com os... brancos, com o próprio... clima das margens do rio Quanza!!!

Venceu brancos & pretos...

Foi vencido pelo clima...

*

*

*

A uns certos literatos-oradores, castrenses & paisanos, que sofrem ou andam atacados da doença *patriotite* aguda e grave e circunflexa e tremada, aconselhamos o uso da seguinte receita, que não é invenção nossa, mas do sr. dr. Ricardo Jorge, pai:

— *Mas... se a narrativa do passado é a mestra da vida e dos povos, falseia-se o objectivo ensinando só o que se entende convir, muito embora a presumida conveniência seja uma desfiguração ou uma mistificação.*

Triste ofício o de capador de história para domar-lhe as ferezas ou pô-la de engorda em proveito do dono, como se faz aos animais domésticos. . . —

Nunca tivemos inveja do. . . talento alheio, nem da. . . arte ou. . . ofício.

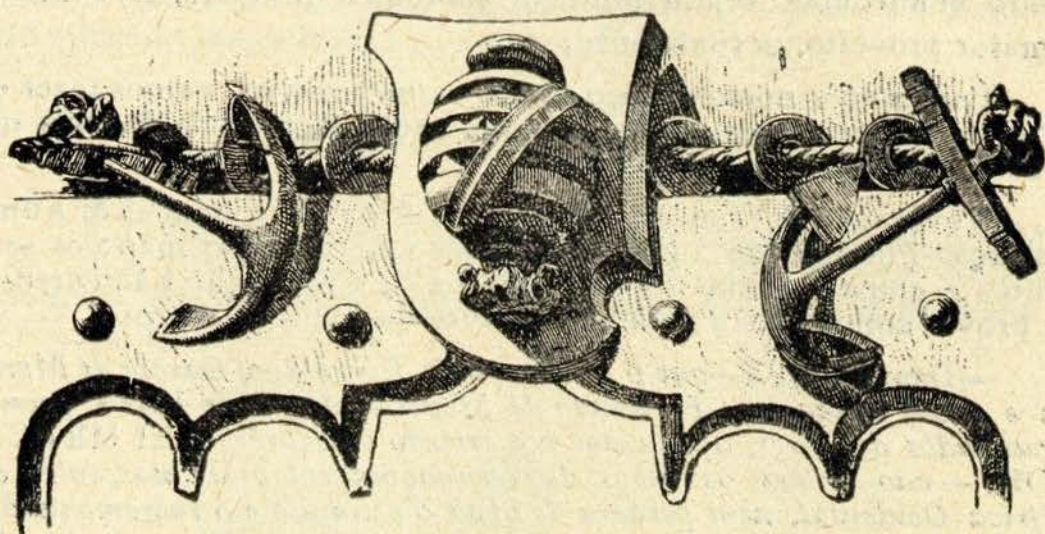
Presídio de MUXIMA,

Março de 1933.

ADVERTÊNCIA—O actual Representante da illustre Família Novais — ex.^{mo} sr. dr. Dom António-Xavier da Gama Coutinho Nogueira de Novais — acaba de publicar, em Matozinhos, umas **Breves Notas sobre a Família e Representantes de Bartolomeu Dias e de seu neto Paulo Dias de Novais.**

Dá, às páginas 35-41, a **Minuta inédita ou Tresládo da confirmação da Capitania de Angola**, a que fizemos referênciã às págs. 278 e 279 da primeira série desta nossa revista.

P. R.



QUESTÕES MARÍTIMAS INTERNACIONAIS

— II —

Os Portugueses & os Inglêses

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 64)

Primeira época

NA DINASTIA-DE-AVIS

— À proporção que as nossas conquistas se vão alargando com grandes gástos de sangue e havêres, vão as potências aliadas e amigas adoptando um sistema novo e barato de ter proveitos coloniais sem fazer despesas com colónias, dando cãça aos nossos navios.

Dr. MANUEL BENTO DE SOUSA

CAPÍTULO I

NO REINADO DE DOM JOÃO II

(AGOSTO DE 1481 -- OUTUBRO DE 1495)

I--O Comércio & a Civilização

NA MEDIDA DE NOSSAS FÔRÇAS, QUEREMOS PROVAR que, sob o ponto de vista internacional, a história económica de nosso Portugal-Ultramarino tem páginas brilhantes e exemplares: queremos vulgarizá-las, para que,

sendo conhecidas, sejam também amadas e imitadas, com melhor e maior proveito, actualmente.

Para que o nosso esboço tenha valor positivo, vamos fazer ou escrever história comparada, porque nação alguma da Europa nos vence ou sequer iguala ; vão ver . . .

Navegação & Comércio, Indústria & Artes, Finanças & Administração-Pública, de tudo certamente vamos lançar mão : os seus efeitos e conseqüências sôbre a márchã da Civilização não carecem de próvas compridas e pesadas, através de todos os tempos.

—*Dom João II—que o arcebispo de Évora dom Garcia de Meneses e o seu irmão dom Fernando de Meneses, duque de Viseu, primos e cunhados de el-rei, apodavam por irrisão e desprezo REI MERCADOR,— não tirava os olhos das povoações coloniais nascentes da A'frica Ocidental, nem perdera de vista o estímulo e o incremento das transacções, protegendo os comércios dos súbditos, animando as relações internacionais, e assentando, como base política, a exclusão dos estrangeiros do tráfico das ilhas e costas africanas, e a superioridade da marinha portuguesa.—(Rebêlo da Silva, História de Portugal . . ., Tômõ IV, p. 541.)*

Em verdade, particulares condições naturais impeliram os Portugueses para a vida marítima: a cobiça não foi o motivo exclusivo, nem o dominante . . .

—*A' Península-Ibérica deve a Humanidade esta óbra gloriosa e fecunda — AS DESCOBERTAS — na qual empenharam seus filhos esforço maior do que permitiam seus recursos e mesmo suas resérvã de população. A situação geográfica dessa Península como que a predestinava para tais cometimentos : em frente dela—estendia-se o grande MAR que dissimulava as surpresas apontadas pelas tradições como encerradas no seu seio.—(Oliveira Lima, História da Civilização, p. 327.)*

Por outras palavras : é a chamada lei-dos-litorais.

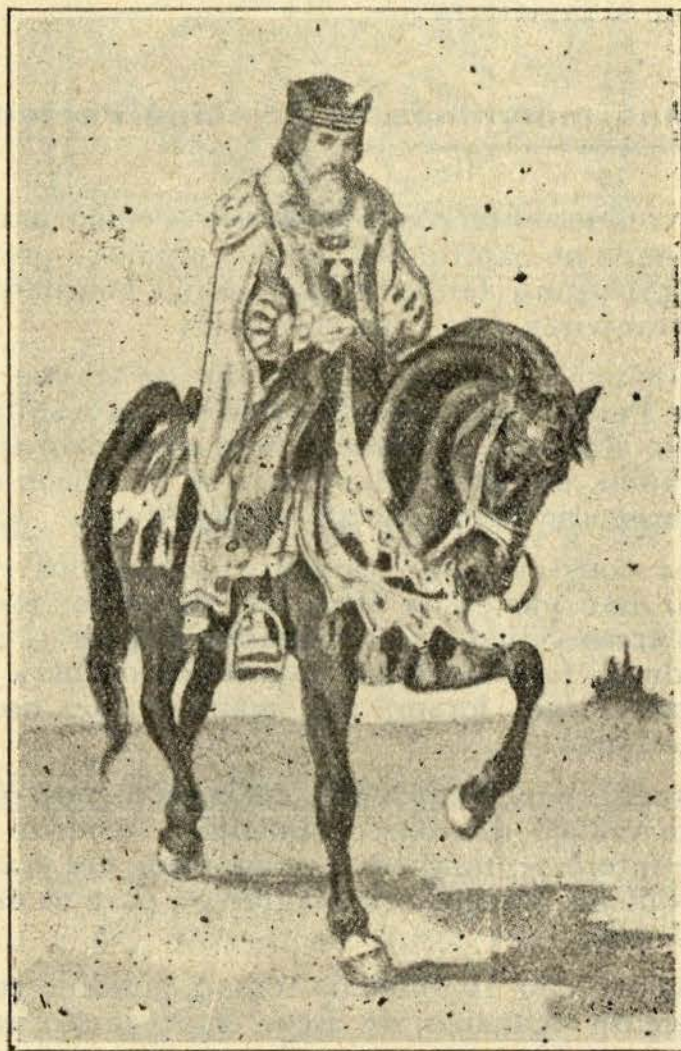
—*PORTUGAL, colocado à beira do Oceano, tinha que sofrer a influência da lei-dos-litorais. A sua expansão para o MAR seria irreprimível no dia em que lhe não fôsse mais possível manter-se dentro dos antigos limites, ou quando a autonomia de sua existência política lhe exigisse um ponto de apóio, que na Península não encontraria. Enquanto a centralização castelhana se não consumasse, ainda a nossa vida se tornava fácil, socorrendo-se dos diversos antagonismos que dificultavam a consumação dêsse facto e cultivando-os até habilidosamente, por meio da forma sábia dos tratãdos e alianças.*

Uma hora chegou, porém, em que forçosamente sossobramos, se nos não achássemos já então firmados na nossa força naval, iniciando as bases dum verdadeiro imperialismo marítimo. É a hora de Isabel-a-Católica, quando da nossa parte, herdeiro do espírito e da óbra do Infante-dom-Henrique, a márchã dos destinos da nacionalidade

tomava consciência na figura de dom João II. — (António Sardinha; Ao ritmo da ampulheta, ps. 137 e 138.)

2—Rivalidade & Cobiça

El-rei dom João II estabeleceu o regimen de severo monopólio: logo também se esboçava a luta a favor do comércio-livre, em que mais tarde secumbiram Portugal & Espanha...



Dom João II

—Se as descobertas dos Portugueses despertaram a rivalidade dos Espanhóis e os levaram também a novas descobertas, umas e outras despertaram a rivalidade dos outros povos. Especialmente os Ingêleses e Holandeses arrojaram-se também com todo o ardor às emprêsas marítimas...

Mas... Henrique VII, por sua avareza, não prestou nenhum auxílio a esses navegadores, e apenas os autorizou a tomarem conta dos países conquistados em nome da Inglaterra, sem se importar com a bula do pápa Alexandre VI...—

Pertence ao sr. dr. Adriano Antero este trecho, que vem no volume IV—Idade-Moderna—da sua obra *A HISTÓRIA ECONÓMICA*.

No entanto, sobre assúntos marítimos africanos, ou por causa dêles, antes de Henrique VII, isto-é, a partir de Duarte IV datam já as nossas questões coloniais ou as nossas relações diplomático-comerciais com a Inglaterra.

3 - As manhas marítimas do Príncipe-Perfeito

Em verdade, el-rei dom João II, — como narra Garcia de Rêsende no capítulo CL da sua crónica—pretendeu e, até certo ponto, conseguiu ter a Costa-da-Mina guardada ou fechada aos navios estrangeiros, isto-é, ao comércio.

Numa discussão pública, que, um dia, se travou à mesa entre dom João II e Pero de Alenquer, el-rei chegou a insultar o afamado e sabido piloto da rota da Guiné, mas, acabada a refeição, el-rei mandou-o chamar em particular e não só justificou a sua atitude desabrida como pediu perdão ao seu fiel servidor.

Para que constasse publicamente que navios redondos não podiam voltar das partes da Mina, por causa das fortes correntes marítimas, as urcas velhas que carregaram as pedras, cal, madeiras, telhas, pregadura, ferramentas e mantimentos para o Castelo da Cidade de Sam-Jorge, foram, por mandado ou ordem de dom João II, ali desfeitas.

Em Portugal, pois, guardou-se, mais ou menos, oficialmente o sigilo sobre o avanço dos descobrimentos: além de ser um facto natural ou de interesse, também o praticaram, em éras remotas, os navegadores finícios, gregos e cartagineses, para só citarmos os de maior importância.

Afinal, dom João II defendia o monopólio do comércio, que, como diz Vicente Almeida de Eça, empregando expressões da actualidade, significa a *nacionalização* da navegação para o ultramar.

(Continua)



NO TEMPO DO MARQUÊS-DE-POMBAL...

© *indúlto a favor do*
DR. SEABRA DA SILVA

(Continuação da pág. 46 e Conclusão)

4) — No presídio das Pedras-Negras

POR DECRÉTO DE 17 DE JANEIRO DE 1774, foi o dr. Seabra da Silva escusado de todos os seus empregos e intimado a deixar Lisboa e seu termo, em 48 horas: dentro de quinze dias, devia estar no vále de Besteiros, para dali não sair até segunda ordem.

A 30 de Abril, o corregedor da comarca de Évora, João Baptista da Fonseca Teixeira Coelho Cardoso, auxiliado pelo juiz-de-fóra e mais oficiais de justiça de Tondela, intimou ao dr. Seabra ordem de prisão: o dr. Seabra seguiu,

debaixo de uma escolta de cavalaria, para o castelo de Sam-João da Foz, no Pôrto, onde chegou a 4 de Maio.

A 4 de Outubro, foi embarcado num navio que seguia para o Rio-de-Janeiro: esteve ali preso no fôrte da Ilha-das-Cóbras.

Depois, veio para o pôrto de Luanda, onde chegou no dia primeiro de Março do ano de 1775.

No presídio das Pedras-Negras de Pungo-Andongo, a princípio, nem podia comunicar com os pretos e passou maus bocados: depois, o governador dom António de Lencastre deu ordens para que nada lhe faltasse, dentro das comodidades possíveis.

Embora as Pedras-Negras tivessem e tenham péssima fama, o clima ali era e é magnífico, para pretos e para brancos.

Ainda lá existe *uma gruta, onde o dr. Seabra da Silva ia por vezes respirar a paz profunda dos antigos dias da natureza, como diz o Marquês-de-Rêsende...*

... e onde um preto tentou assassiná-lo...

Em princípios de Outubro de 1777, chegou às Pedras-Negras a notícia das duas portarias de 5 de Dezembro de 1776 e de 13 de Março de 1777, que deram a liberdade ao dr. Seabra da Silva, pelo que, em fins de Novembro, já estava em Luanda, onde pagou *o devido tributo da CARNEIRADA, com que esta cidade hospeda os mais robustos.*

Deixou Luanda em 28 de Dezembro de 1777.

5)—As infâmias políticas do tal Cardeal-da-Cúnha

Dos sentimentos baixos ou da vilania de carácter do ingrátissimo cardeal dom João Cosme da Cúnha, que o Marquês-de-Pombal carregou ou encheu de hõnras e dignidades, para êle depois lhe meter, como se diz, os... pés, occupa-se o escritor insuspeito Latino Coelho no capítulo III da sua *História política e militar...*, e

também a antiga revista *O PANORAMA*, tómo V, 1841, às páginas 295 e 296.

— *Quam negra fôsse a ingratição do Purpurádo pára com o Marquês, seu velho protector, se depreende das palavras acerbadas e sentidas com que Pombal no seu interrogatório fala do fementido Cardeal. Lançando à cônta do mundano Prelado a desgraça de SEABRA, não podia o perseguido octogenário forrar-se ao desajôgo natural em quem tam lastimado se sentia daquelle que levantara com o seu favor às mais subidas eminências.*

Na verdade triste, o Cardeal-da-Cúnha era um homem de baixo carácter, hipócrita, intriguista, ambicioso e pouco culto...

Em 1914, o padre jesuíta António Antunes Vieira, sob o pseudónimo Artur Viegas para se escapar à censura eclesiástica, publicou na Bélgica o livro *O poeta Santa Rita Durão*, onde diz as últimas contra o Cardeal-da-Cúnha, mas com documentos esmagadores!!!

Mais tarde, a 15 de Dezembro de 1788, foi o dr. José de Seabra da Silva nomeado ministro do reino, que então compreendia as pastas da justiça e negócios eclesiásticos, e das obras públicas.

A 15 de Julho de 1799, no conselho de estado, o príncipe dom João, depois dom João VI, resolveu assumir a regência do Governo, que até ali desempenhara em nome da Rainha louca sua mãe: neste conselho, a opinião do ministro Seabra foi que tal não se devia fazer sem a convocação das côrtes.

Foi, por isso, demitido dos seus cargos a 5 de Agosto seguinte.

O dr. José de Seabra da Silva morreu em Lisboa, na

paróquia de Sam-Sebastião da Pedreira, no dia 13 de Março de 1813.

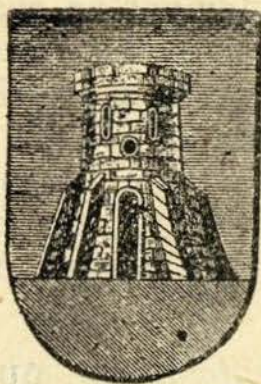
Presídio de MUXIMA,

Fev. / 1933.

P. RUELA

ADVERTÊNCIA—Na *Revista de História*, volume XII, às páginas 298-304, encontram-se umas notas mui curiosas, que foram feitas à carta que o dr. Seabra escreveu da Baía a Martinho de Melo e Castro, em Fevereiro de 1778. Ali, na Baía, se demorou o dr. Seabra com a necessidade de roborar um pouco as fôrças, para depois continuar a viagem para Lisboa.

P. R.



Presídios Angolanos

PEDRAS-NEGRAS

DE

PUNGO-ANDONGO

(1671)

PELO CÓNEGO DELGADO

REINAVA EM PUNGO-A-NDONGO, DESDE 1664, dom João Aiidi, filho de dom Filipe, primeiro rei de Dongo.

Dom João não quis seguir os bons e exemplares procedimentos de seu pai. Logo de princípio, mostrou o seu mau íntimo contra nós e, mais tarde, cometeu verdadeiros actos de rebelião, a ponto de, em princípio de 1671, o bom e honrado governador de Angola, Francisco de Távora, ser obrigado e constrangido a castigá-lo, mandando-lhe fazer guerra pelo valente e heróico capitão-mór Luís Lopes de Sequeira.

Era, e é, Pungo-a-Ndongo uma verdadeira praça-forte feita pela natureza, de quási impossível acesso e expugnação, sendo a sua conquista considerada tam difícil como todos os exforços feitos, até ali, para a conquista de Angola.

Era, por assim dizer, um verdadeiro castelo na iminência de altos e grandes penhascos, tendo uma só entráda, por onde podia ser atacado, e esta de fácil defesa para quem estava dentro dêle. Luís Lopes de Sequeira não trepidou em cumprir a ordem do governador.

Formou um grande exército, o qual saíu de Ambaca, em 2 de Agosto de 1671, e, depois de quatro dias de jornada, chegou perto das Pedras, às quais foi posto rigoroso e apertado sítio, o qual durou mais de três meses.

Mas, se, findos êstes, o estado dos sitiados era mau, não era melhor o dos sitiantes, que já não tinham manti-

mentos para a gente preta, à qual naqueles tempos se chamava a *guerra-preta*, e, sem a qual, náda se podia fazer. Não tendo esta que comer, em breve desertaria e se iria unir aos nossos inimigos; seria então inevitável e certa a nossa perda e descrédito perante os sobas, tanto nossos aliádos como nossos contrários, pois todos estavam com olhos atentos neste grande embáte de fôrças e seguiriam quem vencesse.

Lopes de Sequeira, *que sabia bem o quimbundo*, que era a língua falada em Luanda, Ambaca e Pungo-a-Ndongo, vai pacificamente falar com alguns pretos dos sobas fiéis ao rei e nossos inimigos, e consegue que, como se fôssem enviados daqueles amigos do rei a levar-lhe recados, entrassem na fortaleza a espiar o que lá se passava e o estado dos sitiádos.

Por êles teve conhecimento do grande descúido em que a gente do rei estava, confiada em que os nossos lá não podiam entrar.

Sabendo isto, Lopes de Sequeira mandou, na madrugada de 29 de Novembro de 1671, assaltar de súbito e com o maior silêncio a entrada principal, conseguindo assim tomar aquela fortaleza, que dali em deante ficou sendo nossa. O rei conseguiu fugir, mas em breve foi preso e morto, por não querer sair de onde estava.

O assômbro e grande temor, que esta acção causou em todos os sobas, foram de tal modo grandes que todos se avassalaram a nós e ficaram com o maior respeito às nossas ármãs e ao nosso podêr, que êles consideraram daí por deante invencível.

Nóta do p. R.—*Vimos ou tivemos nas nossas mãos, em 1928, o exemplar da Relaçam do felice successo... que trata dêste facto e está na Biblioteca Nacional de Lisboa.*

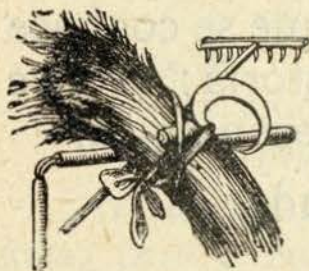


MISCELÂNEA

de

apontamentos velhos e antigos
— impressões, comentários, crítica —
nótas à margem
&
novidades

A verdade, não nua mas vestida...



NAS NAÇÕES ADEANTADAS ou civilizadas, que têm colónias na A'frica, nós notamos que há um culto interno e externo, plenamente fervoroso, pela VERDADE: a Bélgica e a França, nossas vizinhas de Angola, nos dão um bellissimo exemplo do seu patriotismo inteligente e não fanático.

De facto, a VERDADE, na sua simplicidade, ensina e dá lições proveitosas a quem a conhece e estuda, comparando o tempo passado com o presente.

Ex praeterito spes in futurum.

Nem sempre agrada, porque, irmã da JUSTIÇA, a VERDADE tem de ser, muitas vezes, severa e enérgica contra os erros e abusos que os homens cometem.

¿ Que vantagens ou lucros pretendem tirar, cá em Angola, certos indivíduos que perdem tempo a desfigurar a VERDADE com .. pinturas de rêtórica?!...

Com tal atrevimento, não iludem nem enganam ninguém...

Ocupação de Angola, civilização de Angola, colonização de Angola: — sôbre êste assúnto histórico e económico, sempre novo e sempre velho, tam complexo e de alta responsabilidade política, têm a ousadia de, na sua ignorância, publicar em letra redonda as maiores imbecilidades!!!

Chamam-se a si próprios patriotas: não passam de uns estúpidos e criminosos.

Angola atravessa a maior crise que se conhece nas páginas centenares da sua História: a crise de carácter. . . somada com a crise económica.

A miséria é inimiga da . . . virtude.

Angola — a mártir!

Presídio de MUXIMA, Maio / 1933.

Padre HUELA

O búzio ou njimbu

Vamos aqui completar a notícia que consta às páginas 15 e 16 desta II série, onde ficaram escritas algumas linhas relativas às moedas-de-conchas.

Por equívoco dissemos que Duarte Pacheco Pereira no seu *Esmeraldo* dava a razão por que a Ilha-de-Luanda se chamava a Ilha-das-Cabras; os que tal dizem, como podem ver à página 36 da nossa I série, são Duarte Lopes & Pigafetta.

Duarte Pacheco Pereira, no seu livro de marinharia —*ESMERALDO de situ orbis*—organizado e escrito antes do ano de 1505, faz referência aos búzios que se apanhavam na Ilha-de-Luanda, assim:

—*Além do rio do Padrão (Zaire), de que atrás falámos, com 35 léguas de caminho pouco mais ou menos, é achado um rio pequenô que se chama o rio Mabengo, e ali faz a terra uma enseia (baía de Luanda) que será pouco mais de uma légua em ródá, na bôca da qual estão duas ilhas pequenas, baixas e rasas, de pouco arvoredó, que chamam as Ilhas-das-Cabras, e estas estão muito perto de terra e são povoadas dos negros do senhorio de Muenicongo; e ainda vai adeante a terra de Congo; e nestas ilhas apanham os ditos negros uns búzios pequenos, que não são maiores que pinhões com sua cáscá, a que êles chamam ZIMBOS, os quais em terra de Muenicongo correm por moeda...—*

(Na edição de Rafael Basto, Lisboa, 1892, à página 84.

Na edição de Epifânio, Sociedade de Geografia, 1905, à página 134.)

O rio Mabengo é o nosso Bengo, que dá água, péssima, para a cidade de Luanda. As Ilhas-das-Cabras, a que Duarte Pacheco faz referência, devem ser as actuais Ilha-de-Luanda — ao norte, e a Ilha-de-Casanga — ao sul. No meio delas, fazendo a separação, fica a chamada Barra-da-Curimba.

CURIMBA é uma palavra quimbúndica que significa *MISTÚRA*: na verdade, por aquela barra, nas marés, as águas da baía de Luanda se vão misturar com as do mar, e vice-versa.

Presentemente, alguém tenta, com prejuízo talvez da higiene pública, acabar com a corrente, aterrando o sítio onde estão espetadas as pernas de uma ponte que... nunca chegou a ser ponte...

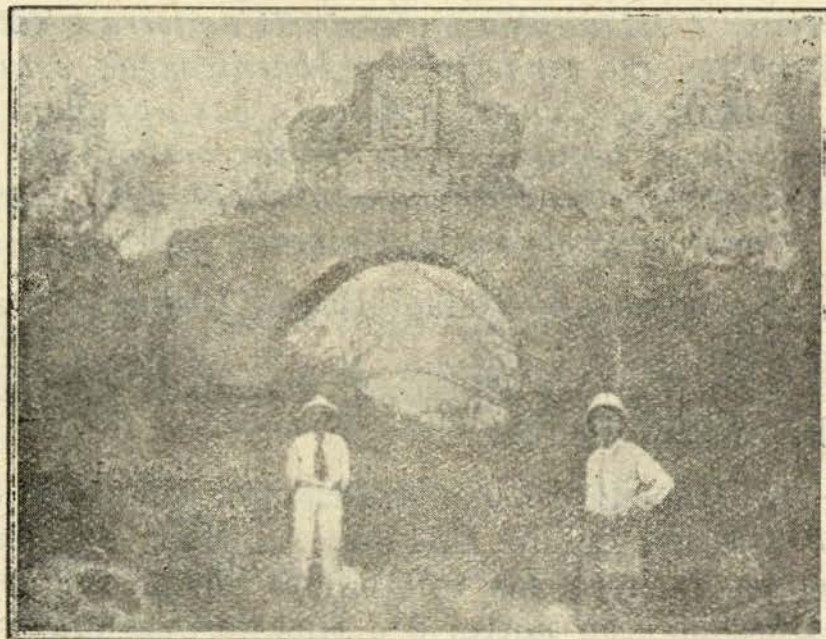
P. R.

As minas de prata de Cambambe

Certamente, as nações não vivem da... pólvora e das espadas, embora careçam da força armada, para sua defesa e prestígio internacional.

De modo algum vamos agora aqui estudar o valor guerreiro de Paulo Dias de Novais e de seus companheiros—heróis completos: concordamos.

Pesando ou medindo a rigor os factos, a começar em 1583, foi um erro ou um desastre completo esta escôlha que



Presídio de Cambambe—Ruínas da Fortaleza de Nossa Senhora do Rosário

os nossos Antepassados fizeram das margens ou bacia do rio Quanza para o estabelecimento da nova colónia de Angola.

As fantásticas minas de prata — que... não existiam nas serras de Cambambe,—foram um estímulo encorajador para Paulo Dias de Novais e sua gente, foram.

Reconhecida a ilusão ou o erro inicial, uma nova fatalidade espalhou pela região os presídios de Maçangano, Muxima, Cambambe, Ambaca...

Falhou a prata, mas lançou-se mão a novo recurso. Nem a agricultura nem a pecuária foram possíveis...

O segundo recurso, comercial, foi o aleijão da escravatura, com que tanto lucrou o Brasil.

Perdido o Oriente e independente o Brasil em 1822, as atenções, por triste exclusão de partes, voltaram-se para Angola, no... fim.

P. R.

Os três—PEDRO CÉSAR DE MENESES

(Cónego DELGADO)

I — A sua paténte é de 22 de Janeiro de 1639. Encontra-se registada na Chancelaria de dom Filipe III, livro 36, à fôlha 74. Saíu de Lisboa em 18 de Abril de 1639 e chegou ao pôrto de Luanda em 18 de Outubro.

Governou Angola até 1645. Morreu, em Lisboa, no ano de 1666.

II — Governador do Maranhão aí por 1670. A sua paténte é de 17 de Fevereiro e está no Livro 4 de Consúltas-Mixtas, à fôlha 327.

III — Foi nomeado governador de Angola por decreto de 20 de Outubro de 1672. A sua carta-paténte é de

27 de Setembro de 1672. Está no Livro 5 de Consultas-Mixtas, à fôlha 57, verso.

Morreu, em 19 de Novembro de 1673, num lastimoso naufrágio ao sul do Cabo-Negro, na então costa de Benguela-a-Nova.

A civilização

Na verdade, a civilização, que é uma forma do progresso humano, cria necessidades, e, para as satisfazermos, indispensável é o trabalho.

Sem trabalho, sem suor, não se consegue náda, nem riqueza, nem alegria, nem paz...

Hoje em dia, está mais do que provado, a rotina e a experiência própria dão só o homem pronto, quando êle já chegou... à idade caduca...

Os estudos de um rapaz de 15 anos, por exemplo, valem mais que a experiência meio secular de qualquer... tarimbeiro ou amanuense.

De modo geral.

Não se confunda, pois, talento ou estudo com... força física ou bruta!!!

Depois, como disse um pensador e economista português, sem agricultura, sem comércio, sem indústria, sem instrução e sem dinheiro, os homens podem viver, mas... da mesma sorte ou maneira que vivem os pretos gentios de Angola: dos frutos rústicos e naturais, mas sem sociedade civil, que é o que nos distingue das feras ou animais irracionais...

P. R.

Os primeiros descobrimentos marítimos. .

Pelo sr. J. LÚCIO DE AZEVEDO

A os primeiros descobrimentos iam os navegadores, uns — levados pelo génio aventureiro, porfiando a quem venceria a maior distância e a maior dificuldade, sòmente pela glória do feito, como agora os Aviadores; outros — que buscavam os gánhos sólidos do comércio. Êstes designavam as terras pelo nome de seus prodútos mais visíveis: Costa dos escravos, Costa do ouro, do marfim, da malagueta, que ainda hoje os mapas inscrevem. Assim, não duvidou a cobiça de trocar a invocação do Lenho-Santo, que salvou os homens, pela do lenho que produzia a tinta estimada: Vera-Cruz por BRASIL.

(A's páginas 79 e 80 do livro — *Épocas de Portugal Económico* — Lisboa, 1929.)

Arte de ... furtar

O chamado livro *ARTE DE FURTAR*, que appareceu em público com a cobertura do nome do padre António Vieira, não foi escrito por êle: está provado e mais do que provado.

Mas... esta questão nada importa ao nosso caso presente.

Contém verdades, que valem pelo que são e não pela autoridade do nome ou pessoa que as escreveu, embora sem coragem moral...

Eis um trecho:

— *Tantos escrivães, meirinhos e alcaides em cada cidade, em cada vila, em cada aldeia*

— *¿ de que servem, se basta um para escrevinhar e meirinhar êste mundo e mais o outro?*

Se somarmos bem as réndas nacionais e as discutirmos, acharemos que lá ficam, em grande parte, pelas únhas dêstes galfarros...—

Por exemplo, um funcionário público, que tem o vencimento mensal de 2 contos e que transfere 24 contos por ano para Portugal, não come, não bebe, não compra roupa ou calçado?!...

Como se poderá fazer honestamente esta operação anual?...

Ao menos, saibam roubar... cientificamente... matematicamente... seus burros!!!

Pobres pretos...

Ricos pretos...

P. R.

O Almirante Peçanha

Pelo II Visconde-de-Santarém

Não foi porque houvesse falta de sujeitos capazes de desempenhar as funções de almirante que el-rei dom Denis se determinou a tomar a seu serviço um estrangeiro, e a conferir-lhe um dos mais importantes cargos do Estado.

Outros toram os motivos desta sua deliberação e da nomeação do almirante Peçanha.

Achava-se, naquele tempo, o Reino alevantado e repartido em duas tracções, uma de el-rei e outra do príncipe dom Afonso, e, vindo a falecer o almirante Nuno Fernandês Cogominho, que, com manifesta deslealdade se havia lançado no partido do príncipe, não querendo el-rei nomear-lhe por sucessor parente ou filho seu, e receando que, se conferisse aquele pôsto a outro qualquer portugûês, lho imputassem à vingança,—tomou o arbítrio de o conferir a um estrangeiro, encarregando-o de trazer consigo um

certo número de oficiais, com o que engrossava o seu partido, diminuía o dos inconfidentes, ao mesmo tempo que justificava aquela eleição com a conhecida perícia do eleito. Frei Rafael de Jesus relata extensamente o motivo, que teve el-rei dom Denis para tomar a seu serviço o almirante genovês, na *Monarquia Portuguesa*, parte VII, livro 4, capítulo III, página 106.

(*Estudos de Cartografia Antiga*, volume II, às páginas 267 e 268.)

Nóta do p. R. — *A nossa — A Zentação do Mar — era uma... colcha de retalhos, embora preciosos. A substituí-la, com vantagem, temos agora a nova secção — Questões Marítimas Internacionais. No entanto, uma vez por outra, na Miscelânea trataremos de assúntos navais.*

A Igreja do Corpo-Santo, em Luanda

Os homens-do-mar tinham, na cidade de Luanda, a sua Igreja do Corpo Santo ou de Sam-Pedro Gonçalves com a respectiva Irmandade.

Tal Igreja ficava situada no actual Largo de Leonardo Carneiro.

Os livros da recêita & despesa estão no arquivó da Câmara Eclesiástica.

Na verdade, os capitães ou patrões dos navios chegados ao pôrto de Luanda pagavam certas quotas para o cofre da sua Irmandade.

Portugal... empobrecido

Pelo Major A. LEITE DE MAGALHÃES

Degenerados? .. Porquê?

Se nos chamam *degenerados*, porque estamos empobrecidos,—isso, sim, é exacto. E contra essa arguição não me insurjo eu. Pelo contrário, fico com ela envaidecido. Porque a nossa miséria é hõnra, e não opróbio: nobilita e não macula.

— *Foi o preço do maior acto de civilização dos tempos modernos*— como observou Oliveira Martins. E eu direi mais; é também o pesado cústo da lealdade com que foram cumpridos os nossos tratádos de aliança e de comércio com a Inglaterra.

... Merece, pois, o respeito de tõda a Humanidade.

(A' página 22 da Conferência—*A colonização e o desenvolvimento de Angola*—realizada, a 10 de Janeiro de 1925, na Sociedade de Geografia de Lisboa.)

Os espinheiros

Na verdade, a vegetação espinhenta ou espinhosa encontra-se sempre em terra seca ou má para cultura.

O Conde-de-Ficalho, técnico neste assúnto, escreveu o seguinte:

— *Êste predomínio ou freqüência dos vegetais espinhosos resulta muito naturalmente da grande lei da luta pela existência, e da adaptação da fõrma orgânica ao meio em que vive, que dessa lei deriva. Em primeiro logar, a fõrma espinhosa significa uma paragem da evolução, necessária em uma região extremamente seca, onde uma larga superfície de eva-*

poração seria fatal à planta. A produção dos espinhos acerdos e fortes significa também uma defesa necessária contra os grandes ruminantes, que, em bandos numerosíssimos, percorrem estas extensas planícies, e, à falta de erva, fazem muitas vezes a sua alimentação das folhas das árvores e arbustos. Alguns mesmo, como as girafas, estão conformados de modo que difficilmente podem buscar outro alimento. Se, pois, estas plantas estivessem desarmadas dos seus agudos espinhos infra-estipulares, todos os gomos e rebentos novos seriam roídos logo à nascença, e a planta sofreria, ou mesmo a espécie se extinguiria... —

Mais outra vez declaramos que não temos tempo para dar resposta às perguntas que nos fazem... anónimas, ainda que não sejam... maliciosas.

Só os ignorantes é que têm coragem de afirmar que as diversas plantas e raízes e cáscas, de que usam os curandeiros pretos, não são... *matéria médica* rica!!!

Na verdade, aqui em Angola, os curandeiros pretos consideram a sua... medicina como uma arte privilegiada ou de segredo.

P. R.

Contrabando ou roubalheira, não de diamantes mas de jimbo...

O já tam nosso conhecido sindicante dos actos do I Governador de Angola, dr. Domingos de Abreu de Brito, denunciou no seu *Sumário*... que na Ilha-de-Luanda se pescava e tirava o dinheiro do Rei-de-Congo, que era o ZIMBO—negócio mui rendoso e que andava sonogado nas recêitas da Fazenda-Real...

Os aventureiros não eram homens de escrúpulos, não.

Vão ver como, nesta mesma época, se fazia contrabando, não de diamantes mas de carregação de ZIMBO, que vinha do Brasil, da capitania de Pôrto-Seguro, para Angola:

— *A capitania de Pôrto-Seguro tem muito pau-brasil, e, no Rio-das-Caravelas, tem muito ZIMBO, dinheiro de Angola, que são uns buziozinhos muito miúdos de que levam pipas cheias e trazem por elas navios de negros.. —*

Esta informação encontra-se à página 99 da *História do Brasil* de frei Vicente do Salvador, terceira edição, Sam-Paulo, 1931.

P. R.

Os pretos e as árvores de fruto

Pelo CONDE-DE-FICALHO

Devemos reparar em que o Preto, ou, em geral, o selvagem, não está apto para aceitar todo o género de plântas. Requer uma alimentação abundante, posto-que grosseira, e uma cultura fácil e pronta. Os frutos saborosos ou as especiarias finas são-lhe bastante indiferentes; as espécies, que exijam amanhos cuidadosos, não lhe quadram; e difícil será que cultive uma árvore, a qual só ao cabo de muitos anos lhe pode dar prodúto. Êste facto de plantar uma árvore, que por trivial nos parece tam simples, envolve uma série de ideas complexas, estranhas ao espírito do selvagem; supõe a conciência da estabilidade e segurança, bem raras na África; supõe uma certa noção da propriedade, da sua transmissão, e a previdência.

(Á página 26 do livro — *Plântas úteis da A'frica Portuguesa.*)

Nóta do p. R. — *Em todos os trabalhos científicos e históricos do Conde-de-Ficalho revela-se a sua cultura profunda e completa.*

NOVA-OEIRAS

Ofício número 337/1769

DO LIVRO 64 OU 77 DA ANTIGA SECRETARIA-GERAL DE ANGOLA

Pára o Ex.^{mo} Sr. Francisco Xaxier de Mendonça Furtado, com a remessa da Carta que mostra tôda a Província que fornece lenhas, trabalhadores e águas pâra a Fábrica-de-Ferro de NOVA-OEIRAS:

Il.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor:

Incluo neste sáco a Carta que mostra tôda a Província que fornece lenhas, trabalhadores e águas pâra a Fábrica-de-Ferro de Nova-Oeiras, e que principia em Calumbo, nove léguas desta Capital.

Também remeto à V.^a Ex.^{cia} a Carta da mesma Povoação e Fábrica de Nova-Oeiras, que mandei fazer pelo Oficial que as conduz à presença de V. E., e por outros que o acompanharam e foram da minha Lição.

Pareceu-me necessária esta diligência muito menos pâra-que Sua Majestade visse o muito que temos trabalhado naquêle Estabelecimento, do que pâra-que o mesmo Senhor no seu Régio Gabinete veja com tôda a certeza nos tempos futuros o que lhe informam, e o que ali pode obrar, dilatando e estendendo as Fábricas de-forma-que sejam um grande tesouro; e também mando o mesmo Engenheiro pâra-que, na presença de V. E., possa dissolver alguma dúvida que ocorra nas referidas Plântas.

Estimo que V. E. veja que as minhas informações foram justas, que não abati o meu coração às repetidas desgraças do primeiro Estabelecimento e que, em fim, foi Sua Majestade bem servido e com uma eficácia que lisonjeará o résto dos meus dias.

Quanto ao clima, foram certos os primeiros golpes, consequência de desordens dos Mestres e Habitadores, e pode ser que êle seja bem inocente em quási todos os danos que fez, tal é a desordenada conduta de todos os que foram suas vítimas, porém, ainda fazendo-o réu daqueles males,

que me rasgaram o coração, é certo que os fogos e a continuada habitação hão-de fazê-lo, se não um lugar de delícias, ao menos com as necessárias comodidades à vida de homens trabalhadores.

Respeito aos homens ou habitantes pãra o trabalho — não há nenhuma aparência de que, pagos como são, faltem; porém pode a experiência, dos que vierem, julgar melhor fazer êste serviço com escravos de Sua Majestade, porque lhe serão mais cómodos e mais constantes; e em um país, que os vendem tam baratos, não sentirão nenhuma dificuldade, quando na Maurícia, em que êles são muito mais caros, fizeram cõta aos Fabricantes Franceses pãra a grande Fábrica que ali têm.

Estas e outras disposições dependem da habilidade e talento dos que as manejarem; agora apenas podem ser indicadas, nem eu me atreveria a reputar me mais hábil de que os meus Sucessores, principalmente considerando que o Tempo, variando as circunstâncias, é melhor condutor pãra quem o sabe aproveitar com juízo e medida.

DEUS g. à V.^a Ex.^{cia} muitos anos.

Sam-Paulo da Assunção, a 5 de Dezembro de 1769.

Dom Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho

Nóta do p. R.—*Esta Carta existe na Escola-do-Exército, em Lisboa, conforme vem indicado no Catálogo da Exposição de Cartografia (1903-1904), número 718, à página 160. Lá a havemos de ir ver...*

Com a licença da Autoridade Eclesiástica

Visado pela Comissão de Censúra

COMPOSTO E IMPRESSO
na TIPOGRAFIA MINERVA
* LUANDA *

"DIOGO-CÃO"

(Continuação)

30)

Recebemos o número 7 desta interessante revista, impressa na acreditada Tipografia MINERVA, de Luanda, e de que é director o erudito e consciencioso Rev.^{do} Manuel Ruela Pombo, missionário secular português e pároco da histórica freguesia da Muxima.

Com os melhores votos pelas prosperidades da revista, apresentamos as nossas saudações ao seu ilustre director.

(Do — CORREIO DE ANGOLA — semanário de Moçâmedes.)

31)

A revista ilustrada de assuntos angolanos, que o erudito Padre Manuel Ruela Pombo dirige, continua pontualmente a sua interessante missão de vulgarizar documentos e factos que respeitam à história de Angola. Recebemos agora os números 8 e 9 cuja leitura é, como sempre, instrutiva pela luz que vai projectando sobre a nossa história. E não podemos deixar sem referência a nova da publicação, a partir de Outubro, da *História geral das guerras angolanas*, levada a efeito pelo sr. Padre Ruela, com notas do rev.^{mo} sr. Cónego dr. José Matias Delgado. Desde já salientamos o valor que essa publicação reveste para os curiosos da história e para quem queira escrever sobre ela.

Igualmente o sr. Padre Ruela vai publicar em seis fascículos ilustrados, documentos históricos respeitantes aos conspiradores brasileiros, que vieram, em 1792, deportados para os presídios de Angola.

(Do — NOTÍCIAS DA HUÍLA — de 14 de Fev. de 1933.)

32)

Entrou já na segunda série esta revista de assuntos históricos que o erudito padre Ruela vem mantendo com esforço e brilho, prestando um alto serviço a Angola.

O sumário do n.º 1 da 2.ª série é comõ segue: *Questões Marítimas Internacionais — ANGOLA-MENINA: História Natural, Geografia Física e Astronómica, Higiene ou Clima, Indumentária, Alimentação, na Guerra, Comércio Viação—Comentários sôbre Etnografia e Etnologia. 1575-1592—Catálogo dos Governadores de Angola.*

Felicitando o nosso amigo e ilustre colaborador sr. Padre Ruela, fazemos votos pelas prosperidades da sua notável iniciativa.

(Do diário de Luanda — *A PROVÍNCIA DE ANGOLA* — de 18 de Março de 1933.)

33)

Recebemos o número 10 desta revista ilustrada de assuntos angolanos, dirigida pelo Padre Manuel Ruela Pombo, cujo sumário é o seguinte:

O Convento do Carmo, em Luanda — A Pedra de Encoge, antes de 1759 — Efemérides Provinciais — A morte do nosso ilustradíssimo colaborador Cónego Delgado — Antologia Angolana — A tentação do mar, Atlas e Âncoras — Índice.

(Do—*NOTÍCIAS DA HUÍLA*—de 1 de Abril de 1933.)

34)

Continua sendo publicada regularmente esta revista de assuntos angolanos superiormente dirigida pelo erudito investigador Padre Manuel Ruela Pombo. Iniciou agora a sua segunda série cujo primeiro número, que temos presente, insere os seguintes artigos:—*Questões Marítimas Internacionais—Angola-Menina: história natural, geografia física e astronómica, higiene ou clima, indumentária, alimentação, na guerra, comércio, viação; comentários; etnografia e etnologia (1575-1591)—Catálogo dos governadores de Angola.*—

(Do—*NOTÍCIAS DA HUÍLA*—de 8 de Abril de 1933.)

35)

Continuamos a receber com regularidade esta revista, única no género, que a persistência e a tenacidade do ilustre historiador Padre Manuel Ruela têm feito viver—e crescer.

(Da revista—*PORTUGAL-COLONIAL*—à p. 25 do n.º 25.)